

**CRIAÇÃO LITERÁRIA A MILITÂNCIA POLÍTICA: *QUARUP* (1967) DE ANTÔNIO CALLADO.** – Cláudia Helena da Cruz, mestre em História pela Universidade Federal de Uberlândia – UFU e professora do Instituto Luterano de Ensino Superior de Itumbiara.

O romance *Quarup*<sup>1</sup> de Antônio Callado<sup>2</sup> é uma obra representativa da literatura engajada da década de 1960, que estabelece constante comunicação entre “ficção” e “realidade”, trazendo no seu enredo temas candentes da sua contemporaneidade, como a luta do camponês pernambucano, concomitantemente com a criação das Ligas Camponesas, o Movimento de Cultura Popular – MCP -, o surgimento de Sindicatos Rurais, entre outros. Contudo, a narrativa de Callado também mostra a desintegração de todos estes movimentos a partir do Golpe Militar de 1964. Haja vista que *Quarup* surgiu em plena ditadura militar, período em que a censura e a repressão permeavam todos os espaços, e a arte tornou-se uma forma de combater, denunciar e resistir à usurpação do poder, às arbitrariedades e à soberania de um governo ditatorial.

Por tratar-se de um romance, *Quarup* precisa ser pensado a partir do seu engajamento, que explicita uma intenção política e o próprio autor afirma essa intenção:

*“Quarup é um livro engajado em vários sentidos. Por exemplo, no plano religioso, que era completamente separado do plano ativo da política no Brasil, até também muito pouco tempo. A primeira vez que fui ao Nordeste fazer uma reportagem sobre Julião, os padres ainda eram muito ligados ao senhor de engenho, como tinha sido desde a colonização do Brasil. Quando voltei em 1963, tinha tanto padre casando, e descasando, metido na revolução... era uma coisa absolutamente fantástica como deu aquela fúria neles. Quarup pega um momento de divisão de águas muito importante na relação entre religião e política no Brasil. (...) Mas além de achar que o engajamento pode haver em diferentes níveis, não vejo a menor razão para você querer que todo sujeito faça uma literatura engajada. Tampouco acho certo o sujeito achar que nenhuma literatura engajada pode ter valor*

---

<sup>1</sup> CALLADO, Antônio. *Quarup*. 12ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

O significado do título: “cerimônia funeral, a festa do *quarup*, que dá título ao terceiro romance de Callado é um ritual através do qual a tribo *uialapiti* retoma o tempo sagrado da criação da vida associado ao deus *Maivotsinim*. O tronco cerimonial, representando o *tuxaua* desaparecido, que deve reviver no seio da tribo, abriga, ao mesmo tempo que evidência da morte, a expectativa da vida. Homenageada com a dança, o canto e o torneio *huka-huka*, saudada pela voz dos pajés, a memória do *tuxaua* desabrocha em festa – manifestação exuberante de vitalidade pela qual o ser coletivo se resgata e expande. A tribo se fortalece, retirando do antepassado morto inspiração e alento, e transforma a morte em vida.” (COSTA, Édison José da. *Quarup: tronco e narrativa*, Curitiba: Scientia et labor, 1988).

<sup>2</sup> Antônio Callado é autor de várias obras, as quais desenvolveu paralelamente às suas atividades de jornalista. Sua produção literária perpassa pelo engajamento político denotando sempre uma sintonia com o contexto histórico, dentre estas obras, podemos ressaltar, **Teatro**: *O Figado de Prometeu* (1951), *A Cidade Assassinada* (1954), *Frankel* (1955), *Pedro Mico* (1956), *O Colar de Coral* (1957), *O Tesouro de Chica da Silva* (1959), *Uma Rede para Iemanjá* (1961), *Forró no Engenho Cananéia* (1964), *A Revolta da Cachaça* (1983), **Romance**: *Assunção de Salviano* (1954), *Madona de Cedro* (1957), *Quarup* (1967), *Bar Don Juan* (1971), *Reflexos do Baile* (1976), *Sempre viva* (1981), *A Expedição Montaigne* (1982), *Concerto Carioca* (1985), *Memórias de Aldenham House* (1989), *O Homem Cordial* (1994). Ele também escreveu outras obras diversas, como reportagens, etc.

*literário. Se isso valesse, A Divina Comédia já tinha acabado a muito tempo, não acha? Mais engajamento que aquele cara que metia no inferno todas as pessoas que eram contra ele na política em Florença, pelo amor de Deus!”<sup>3</sup>*

Ao buscar a historicidade da obra literária engajada, é preciso ter em mente a produção artística no momento e nas condições de sua produção, afinal, a arte está inserida no processo histórico e não isolada<sup>4</sup>. A relação da obra de arte com seu momento histórico, parte do que Antônio Cândido<sup>5</sup> chamou de relação “texto” e “contexto”, ou seja, como o contexto influencia a obra e, posteriormente, ela o influenciará ao atingir o seu fim, o “público”. O que requer cuidados para não aplicar respostas prontas às questões dadas pela obra, neste caso, *Quarup*. Pois a obra, quando confeccionada, representa a relação do escritor com o presente, que origina seu objeto estético, ou seja, toda obra visa dialogar com o presente ao buscar um interlocutor - o público leitor. Antônio Callado deixa claro essa relação, falando de suas fontes e de seu processo criativo:

*“Quarup é fruto de um contato jornalístico que eu pude fazer por escolha própria. Foi no tempo do Correio da Manhã, quando resolvi conhecer os índios selvagens. Fiz uma série de reportagens e a impressão que aquilo me causou foi tão forte, tão profunda, que guardei esse material para elaborar um romance (...) viagem e jornalismo andam sempre juntos, mas eu diria que viagem e literatura também (...) Quarup, para mim, era a organização deste país que eu tive diante de mim quando voltei. (...) Eu quis fazer um livro que considero o Brasil do meu tempo”.*<sup>6</sup>

Assim, para pensar *Quarup* é necessário, a princípio, ter em mente a relação entre História e Literatura, a relação metodológica que diferencia estas duas áreas do conhecimento, pois a arte é para o historiador um documento, e o documento só lhe diz alguma coisa quando ele pergunta, interroga, questiona e estabelece o diálogo com seu momento histórico. E hoje, deparamo-nos com inúmeros estudiosos que recorreram à literatura como objeto de pesquisa, a exemplo de Nicolau Sevcenko, ao relatar sua experiência utilizando obras literárias de Lima Barreto e Euclides da Cunha:

---

<sup>3</sup> LEITE, Lígia Chiappini Moraes. **Antônio Callado**. Coleção: Literatura Comentada, São Paulo: Abril Educação, 1982, p.6

<sup>4</sup> Ao se tratar da arte inserida no processo no histórico, o historiador da arte Giulio Carlo Argan nos diz: “a obra de arte é um fato histórico que continua agindo no presente, e por isto não requer apenas uma decifração do que foi e significou, mas uma decifração do que ela é e significa atualmente – ou seja, uma avaliação crítica” (ARGAN, Giulio Carlo. **Clássico e Anticlássico: o Renascimento de Brunelleschi a Bruegel**. São Paulo: Cia das Letras, 1999, p. 08)

<sup>5</sup> CÂNDIDO, Antônio. **Literatura e Sociedade**. São Paulo: Nacional, 1976.

<sup>6</sup> LEITE, Lígia Chiappini. Moraes. Op. Cit. pp. 5-6.

*“A leitura de seus textos literários nos levou a perscrutar o seu cotidiano, familiarizando-nos com o meio social em que conviviam: a cidade do Rio de Janeiro no limiar do século XX. As posturas, as ênfases, as críticas presentes nas obras nos serviram como guia de referência para compreendermos e analisarmos as suas tendências mais marcantes, seus níveis de enquadramentos sociais e sua escala de valores (...) dessa forma, os textos narrativas nos ajudaram a iluminar a realidade que lhes era imediatamente subjacente, e o conhecimento desta contribuiu para deslindar os interstícios da produção artística”.*<sup>7</sup>

Pensar a literatura como um documento histórico, não é algo novo, Jacob Burckhardt<sup>8</sup>, elegeu a *Divina Comédia* sua principal fonte de inspiração, tornado-se, assim, já no século XIX, um dos primeiros historiadores a utilizarem a literatura como documento. Outro exemplo é Mikhail Bakhtin<sup>9</sup>, que recorreu à literatura de François Rabelais *Gargântua e Pantagruel*, para explorar ricamente a cultura popular da Idade Média e da Renascença.

Ao lado disso, é possível estabelecer com a obra ficcional *Quarup* um diálogo que possibilite entender a construção de suas representações sobre a recente história de nosso país. Sidney Chalhoub traduz muito bem esta possibilidade quando afirma:

*“A proposta é historicizar a obra literária – seja ela conto, crônica, poesia ou romance -, no movimento da sociedade, investigar suas redes de interlocução social... Em suma, é preciso desnudar o rei, tomar a literatura sem reverências, sem reducionismos estéticos, dessacralizá-la, submetê-la ao interrogatório sistemático que é uma obrigação do nosso ofício. Para o historiadores a literatura é, enfim, testemunho histórico”.*

Em suma, este estudo vislumbra o caminho interdisciplinar História e Literatura à luz dos pressupostos teórico-metodológicos da História Cultural, que concebe o profícuo diálogo com a

---

<sup>7</sup>SEVCENKO, Nicolau. **Literatura como Missão: tensões sociais e criação da cultura na Primeira República**. 4ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1995, p.20.

<sup>8</sup>BURCKHARDT, J. **A Cultura do Renascimento na Itália**. Brasília: UnB, 1991.

A obra *A Cultura do Renascimento na Itália* tornou-se um paradigma no âmbito da pesquisa, criando uma tradição historiográfica sobre o tema.. Burckhardt foi talvez um dos primeiros historiadores a utilizar a literatura como documento. Tinha Dante como um dos precursores do Renascimento, identificando, em sua obra *A Divina Comédia*, elementos importantes para a compreensão de seu momento histórico *“Dante observa a realidade – a natureza e a vida humana – e usa as observações não como meros ornamentos, mas com o objetivo de proporcionar ao leitor uma idéia mais completa e adequada do que quer dizer”*. Entendia que o único erro de Dante foi escrevê-la em dialeto toscano em vez do latim, que era a língua oficial. Mesmo assim, considerou-a uma obra “universal”, que transcende ao seu tempo, construída com parâmetros estéticos que ultrapassaram o autor.

<sup>9</sup>BAKHTIN, Mikhail. **A Cultura Popular na Idade Média e no Renascimento: O Contexto de François Rabelais**. 2ª ed. Brasília/São Paulo: UnB/HUCITEC, 1993.

Em sua obra, Bakhtin nos adverte para entendimento dos enigmas nas obras de Rabelais, observando que se faz necessário, a realização de um estudo aprofundado em suas fontes populares, pois elas decifram e iluminam a cultura cômica de vários milênios. Esta advertência tem como suporte seus esforços para entender e comprovar porque Rabelais foi pouco estudado e conhecido. No final, conclui que ele não se adequava à forma pela qual a história da literatura foi pensada. Tinha tradição literária e um código estético próprio. Suas obras são romances de ficção com fundo de

obra de arte, uma vez que a criação artística é dada a partir de uma determinada realidade, conjuntura e historicidade específica.

---

realidade, em que há a presença do grotesco, do riso e do humor praticados no âmbito do não oficial, ou seja, no espaço das festas populares.